

Portuguese A: literature – Higher level – Paper 1
Portugais A : littérature – Niveau supérieur – Épreuve 1
Portugués A: literatura – Nivel superior – Prueba 1

Friday 8 May 2015 (afternoon)
Vendredi 8 mai 2015 (après-midi)
Viernes 8 de mayo de 2015 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

Instructions to candidates

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a literary commentary on one passage only.
- The maximum mark for this examination paper is **[20 marks]**.

Instructions destinées aux candidats

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire littéraire sur un seul des passages.
- Le nombre maximum de points pour cette épreuve d'examen est de **[20 points]**.

Instrucciones para los alumnos

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario literario sobre un solo pasaje.
- La puntuación máxima para esta prueba de examen es **[20 puntos]**.

Faça a análise literária de **um** dos seguintes textos:

1.

A vida é mais uma acumulação de intervalos do que de interrupções. A doença interrompe. Os tratamentos interrompem. Mas a vida toda que resta está nos intervalos. E é preciosa por causa disso.

Desde que a Maria João adoeceu, tenho andado sempre com um relógio no pulso ou na mala. Os telemóveis e iPhones não nos dizem as horas sem as pedirmos. Transformam as horas numa transmissão. Os relógios, em contrapartida, estão sempre a mostrar-nos o tempo; quer queiramos, quer não.

Foi a Maria João que me ensinou a passar o tempo. Antes de casar com ela, andava sempre cheio de pressa, sempre atrasado, sempre ansioso, sempre escondido. Mesmo a minha maneira de amá-la era assim.

Amendo-me, ensinou-me com o amor que me deu que podia ser eu com ela. A mim, que nem sequer comigo, sozinho, era eu. Sentava-me sempre a um terço do sofá, envergonhado pela minha própria companhia. Estava sempre a trabalhar, mesmo (e sobretudo) quando me divertia. O trabalho divertia-me mais e o divertimento dava-me mais trabalho. Isolei-me para trabalhar menos e divertir-me mais.

Odiava intervalos. Não fazia. Concentrava-me e só parava quando não podia mais. Achava que os intervalos eram interrupções fisicamente necessárias do tempo bem passado. Como as proverbiais necessidades.

A Maria João ensinou-me que os intervalos também são tempo. Não se faz um intervalo para beneficiar uma atividade e um tempo – para descansar, para recuperar forças, para variar. O intervalo em si vale a pena.

Quanto tempo, por exemplo, passamos a olhar para os semáforos à espera que fique verde? Ao fim de uma vida, deve ser um verão inteiro. Porque é que não damos valor à paragem e ao sítio onde estamos, como se estivéssemos de férias, num miradouro peculiar?

Há tantas coisas para ver. É um espetáculo de pormenores e observações. Nenhum dia é igual ao anterior; nenhum momento, até.

Em agosto do ano passado, quando íamos nervosos e angustiados para o IPO* de Lisboa, sem saber o que nos esperava, era aflitivo ficar parado nos semáforos da Praça de Espanha, com pressa de lá chegar.

Agora, na primavera deste ano, gosto de parar na Praça de Espanha. Não são só as plantas e os passarinhos. É a luz. São as pessoas a fazer coisas. É o céu; os jardins da Gulbenkian; os edifícios.

Não somos nós que fizemos aquele intervalo. Mas fizemos como se tivéssemos parado de propósito, para fazer aquele intervalo. Como se nos tivessem dado o privilégio de parar ali o carro, no meio da Praça de Espanha, só para ver o que se passava à nossa volta. E para conversar. Sem ser sobre a viagem.

O que a Maria João me ensinou não é que tem de se aproveitar cada minuto. Esse era o meu erro. Não se aproveita a fila para fazer telefonemas. Isso tira qualidade aos telefonemas e despromove o próprio tempo, desrespeita a nossa vida.

Não há tempo morto. Nem há falta de tempo. Há o tempo e a ausência de tempo. O tempo é a vida. A ausência de tempo é a morte.

Nós temos um intervalo entre nascer e morrer. Só um. Só um intervalo. Só um tempo. Só uma vida.

Quem ama aprende logo como é pouco o tempo.

Miguel Esteves Cardoso, *O amor das nossas vidas* (2013)

* IPO: Instituto Português de Oncologia (dedicado à luta contra o cancro)

2.

O soneto de ontem

Antes, quando acordei, sob as parreiras¹
bicavam grãos perdidos os pardais.
nas varandas havia trepadeiras,
cadeiras, buganvílias² e varais.

5 Antes, quando era ontem, derradeiras,
todas as casas eram coloniais³,
todas as noivas eram verdadeiras
e se despetalavam⁴ nos quintais.

10 Ontem, antes de o ser, fomos felizes.
Nas cozinhas, o extenso dos fogões
aquecia no peito os corações.

Das cores, o importante eram matizes.
Nada se tinha dito do futuro
que não havia sido, claro muro.

Renata Pallotini, *Um Calafrio diário* (2002)

¹ parreira: armação onde as videiras se apoiam

² buganvília: planta trepadeira de cor vermelha ou púrpura

³ colonial: que reproduz as características do estilo arquitetónico português entre 1500 e 1822

⁴ despetalar: tirar as pétalas
